

PERSPECTIVAS DA INTERNET: UM ENSAIO COMPARATIVO ENTRE PIERRE LÉVY E PAUL VIRILIO

Internet perspectives: a comparative essay between Pierre Lévy and Paul Virilio

Eduardo Rosa Guedes¹

Resumo

O presente ensaio tem como objetivo realizar uma comparação entre as perspectivas de Pierre Lévy e Paul Virilio acerca da Internet. Especificamente, objetivamos tão somente evidenciar como cada autor compreende a Internet para posteriormente ressaltar os pontos divergentes acerca dela. O primeiro autor possui uma visão mais positiva e otimista sobre a Internet, em virtude de destacar as suas potencialidades construtivas, democráticas e integrativas entre as pessoas do mundo todo. Já o segundo autor, possui uma visão mais negativa e pessimista sobre a Internet, em virtude de destacar as suas potencialidades destrutivas, tirânicas e desintegrativas entre as pessoas do mundo todo. Na primeira parte, então, apresentamos a perspectiva de Pierre Lévy sobre a cibercultura e a ciberdemocracia. Na segunda parte, por sua vez, apresentamos a perspectiva de Paul Virilio sobre a Internet em seus diversos ensaios críticos. Por fim, na terceira parte — considerações finais — evidenciamos sucintamente os pontos divergentes entre os autores, isto é, aqueles pontos divergentes que surgiram a partir da leitura dos seus textos.

Palavras-chave: Internet; Cibertecnologia; Pierre Lévy; Paul Virilio; Otimismo; Pessimismo.

Abstract

this essay aims to make a comparison between Pierre Lévy and Paul Virilio's perspectives on the Internet. Specifically, we aim to highlight how each author understands the Internet and then highlight the divergent points about it. The first author has a more positive and optimistic view on the Internet, by virtue of highlighting its constructive, democratic and integrative potential among people around the world. The second author has a more negative and pessimistic view on the Internet, by virtue of highlighting its destructive, tyrannical and disintegrating potentialities among people around the world. In the first part, then, we present Pierre Lévy's perspective on cyberculture and cyber-democracy. In the second part, we present Paul Virilio's perspective on the Internet in his various critical essays. Finally, in the third part — concluding remarks — we briefly highlight the divergent points between the authors, that is, those divergent points that emerged from the reading of their texts.

Keywords: Internet; Cybertechnology; Pierre Lévy; Paul Virilio; Optimism; Pessimism.

¹ Doutorando em Sociologia no Programa de Pós-Graduação em Sociologia na UFPel (PPGS/UFPel). E-mail: edu.rguedes@gmail.com Cidade: Pelotas/RS.

Introdução

Umberto Eco, filósofo e semiólogo italiano, escreveu em 1964 um livro sob o título “Apocalípticos e Integrados” ([1964] 2008), no qual discutia o fenômeno das mídias de massas, destacando, com efeito, as posições divergentes sobre a questão. Por um lado, existiam os apocalípticos, isto é, autores que buscavam colocar as potencialidades das pessoas — como super-homem — acima da banalidade “alienante” das mídias de massas. Por outro lado, existiam os integrados, isto é, autores que buscavam colocar as potencialidades das mídias de massas, portanto, das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), em pé de igualdade com as capacidades humanas e, como consequência, em combinação ambas teriam grande valor para a sociedade.

Embora tratasse de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) que antecederam o advento da Internet — a partir da década de 1970 —, as visões divergentes expostas no livro de Eco equivalem às visões dos dois autores tratados neste artigo. Temos, assim, o “integrador” Pierre Lévy e o “apocalíptico” Paul Virilio. O primeiro autor possui uma visão mais positiva e otimista sobre a Internet, em virtude de destacar as suas potencialidades construtivas, democráticas e integrativas entre as pessoas do mundo todo. Já o segundo autor, possui uma visão mais negativa e pessimista sobre a Internet, em virtude de destacar as suas potencialidades destrutivas, tirânicas e desintegrativas entre as pessoas do mundo todo.

O texto está dividido da seguinte maneira: na primeira parte, então, apresentamos a perspectiva de Pierre Lévy sobre a cibercultura e a ciberdemocracia; na segunda parte, por sua vez, apresentamos a perspectiva de Paul Virilio sobre a Internet em seus diversos ensaios críticos; por fim, na terceira parte — considerações finais — evidenciamos sucintamente os pontos divergentes entre os autores, isto é, aqueles pontos divergentes que surgiram a partir da leitura dos seus textos.

Pierre Lévy, seu otimismo e a Internet

O filósofo francês Pierre Lévy nasceu na Tunísia, em 1956, e é reconhecido por sua influente produção, em particular na década de 1990 e no começo da década de 2000, sobre as características sociais e os aspectos culturais das tecnologias digitais. Alguns dos conceitos centrais utilizados hoje para definir as ambiências digitais interconectadas foram delineados por ele. Entre estes destacamos noções como ciberespaço, cibercultura e inteligência coletiva. Lévy é reconhecido como um entusiasta das tecnologias e do ciberespaço como ferramentas de transformação social e desenvolvimento cultural:

Em geral me consideram um otimista. Estão certos. Meu otimismo, contudo, não promete que a internet resolverá, num passe de mágica, todos os problemas culturais e sociais do planeta. Consiste apenas em reconhecer dois fatos. Em primeiro lugar, que o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. Em segundo lugar, que estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano (LÉVY, 2010, p. 11).

Lévy descreveu, já em meados da década de 1990, diversas reconfigurações sociais dos processos de virtualização da sociedade. Naquele momento, enquanto se tentava compreender e projetar as implicações emergentes da Internet no cotidiano individual e coletivo, era comum a construção de uma oposição conceitual entre “virtual” e “real” — um mundo real, físico ou corporificado e outro, virtual, digital e desterritorializado. Desde aquele momento, entretanto, para o filósofo francês parecia relevante salientar uma perspectiva conceitual filosófica sobre o virtual que desse conta de sua realidade e considerasse as características específicas de sua temporalidade e de sua espacialidade. Lévy sugere, então, que compreendamos o virtual em oposição ao “atual”: “A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência [...]”. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes” (LÉVY, 1996, p. 15). A atualização, neste sentido, é concebida como criação,

“invenção de uma forma a partir de uma configuração dinâmica de forças e finalidades” (LÉVY, 1996, p. 16) e a virtualização como “dinâmica” ou vetor de criação de realidade, desterritorializada e fluída, em continuum. “A expressão ‘mundo virtual’ pode se opor a ‘mundo físico’, mas não a ‘mundo real’. Assim, como bem lembrou Martino (2014), o mundo virtual existe enquanto possibilidade, e se torna visível quando acessado, o que não significa que ele não seja real. A virtualização do mundo se daria a ver em diferentes instâncias sociais, como a economia, a educação, e mesmo o corpo.

Os processos de virtualização permitiriam, na visão do filósofo, a formação de uma dinâmica cultural particular, denominada de cibercultura: “[...] o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 2010, p. 17). O ciberespaço, por suas características de descentramento e interconexão, é considerado por Pierre Lévy como um arranjo tecnológico com potencial de ruptura dos modos de vida até então conhecidos. Longe de parecer determinista, Lévy defendia que eram as nossas escolhas sobre o uso destas revolucionárias ferramentas que nos permitiriam atingir os benéficos potenciais culturais coletivos da Rede.

A cibercultura, então, é compreendida como um fluxo de sentidos, práticas, representações, acontecimentos, atos, relações e vivências humanas em contexto articulado a partir de redes tecnológicas de computadores interconectados. Envolve nossas produções intelectuais, éticas e estéticas. Seu fundamento central é definido por Pierre Lévy como um “universal sem totalidade”, visto que:

Quanto mais o ciberespaço se amplia, mais ele se torna “universal”, e menos o mundo informacional se torna totalizável. O universal da cibercultura não possui nem centro nem linha diretriz. É vazio, sem conteúdo particular. Ou antes, ele os aceita a todos, pois se contenta em colocar em contato um ponto qualquer com qualquer outro, seja qual for a carga semântica das entidades relacionadas [...] O ciberespaço se constrói em sistema de sistemas, mas, por esse mesmo fato, é também o *sistema do caos*. Encarnação máxima da transparência técnica, acolhe, por seu crescimento incontido, toda a

opacidade de sentido [...] essa universalidade desprovida de significado central, esse sistema da desordem, essa transparência labiríntica, chamo-a de “universal sem totalidade” [...] E, repetimos, trata-se ainda de um universal, acompanhado de todas as ressonâncias possíveis de serem encontradas com a filosofia das luzes, uma vez que possui uma relação profunda com a ideia de humanidade. Assim, o ciberespaço não engendra uma cultura do universal porque *de fato* está em toda parte, e sim porque sua forma ou sua ideia implicam *de direito* o conjunto dos seres humanos (LÉVY, 2010, p. 113-122, grifos no original).

Como já apontamos, o autor está preocupado em discutir as repercussões potenciais da popularização (marcada pela acessibilidade estrutural e financeira, a partir de meados dos anos 1990) das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) na reconfiguração social e cultural — que considera comparável à invenção da imprensa, no século XV. Como explica Viegas-Neto (1999, p. 122, grifos originais),

[...] depois de a Humanidade ter vivido uma longa fase em que o pensamento/inteligência estava baseado na oralidade, seguiu-se uma outra fase, baseada na escrita linear; agora estaríamos entrando em uma terceira fase, baseada na hipertextualidade. Neste terceiro estágio, a inteligência adquire uma, digamos, dimensão coletiva. É por isso, então, que ele nos fala de uma inteligência coletiva.

A noção de inteligência coletiva é fundamental para a compreensão das implicações potenciais que Pierre Lévy percebe na cibercultura. Uma “[...] inteligência distribuída por toda a parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências” (LÉVY, 1998, p. 28). Pela primeira vez a Humanidade tem a sua disposição uma ferramenta capaz de armazenar e colocar em circulação todos os conhecimentos acumulados — e gerar novos conhecimentos a partir da interconexão entre dados, informações e pessoas. A inteligência coletiva “caracteriza-se, de saída, pela diversidade qualitativa entre seus componentes e pela expansão contínua por conta da articulação e troca constantes que o transformam em adaptam a novos contextos” (MARTINO, 2014, p. 31), fortalecida ainda pela emergência de “comunidades” culturais desterritorializadas que se constituem pela troca de conhecimentos que são produzidos e, mais importante, modificados e ressignificados pelos contextos de compartilhamento em Rede.

A educação e a democracia são dois tópicos de destaque na compreensão, a partir do pensamento de Lévy, das transformações potenciais de uma cibercultura mediada pela inteligência coletiva. No primeiro caso, o futuro dos sistemas de capacitação e educação precisam ser observados, segundo Lévy (2000a) a partir das mudanças operadas pela cibercultura em nossa relação com o conhecimento, demarcadas a partir de três observações centrais: (1) de uma mudança na velocidade de renovação do saber e saber-fazer, que pode ser observada pela rápida obsolescência dos conhecimentos profissionais, por exemplo; (2) de uma nova natureza do trabalho, em que ganham cada vez mais importância os processos de transação de conhecimentos. “Cada vez mais, trabalhar e aprender, transmitir e produzir conhecimentos”, nos lembra Lévy (2000a, p. 23); e (3) de que o ciberespaço se constitui como um suporte para tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam diversas funções cognitivas dos seres humanos. A partir deste cenário Lévy defende a necessidade de uma transformação profunda de nosso enfoque da educação:

O que faz falta aprender já não pode se planificar nem se pré-definir com exatidão. A definição e aquisição de competências são individuais, de modo que, crescentemente, poderão cada vez menos serem canalizadas em programas ou carreiras válidas para todo o mundo. Devemos criar modelos para representar o espaço do conhecimento (LÉVY, 2000a, p. 24).

Aprender, portanto, precisa ser compreendido como um processo de construção colaborativa de bases de conhecimento e de competências para operar (recuperar, analisar, processar, comparar, estimar) fluxos de informações em movimento. Pierre Lévy (2000a) defende que os sistemas de educação devem passar por reformas profundas, particularmente centradas em (a) uma adaptação e integração dos dispositivos e da filosofia do aprendizado aberto e à distância; e (b) um reconhecimento dos saberes adquiridos em outros espaços, deslocando a normatividade do conhecimento curricular e escolar.

Quando se compreende que o ciberespaço não é apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também todas as informações que ela abriga e os seres humanos que navegam e alimentam esse universo, se percebe que o mesmo consiste em

dispositivo de comunicação interativo e comunitário sem precedentes, e principalmente é um instrumento privilegiado para o desenvolvimento da inteligência coletiva (BEUTLER e TEIXEIRA, 2015, p. 522).

Na mesma perspectiva, a compreensão sobre os efeitos da cibercultura na política são situados no que Lemos & Lévy (2010) chamam de “ciberdemocracia”, uma nova consciência política organizada a partir de um incremento de liberdade supostamente proporcionado pelo acesso irrestrito ao conhecimento. Como explicam Ratto et al. (2017, p. 104), “A atual computação social [...] possibilita a construção de espaços inclusivos, transparentes e cosmopolitas, não garantidos a priori, mas com fortes potenciais para agenciar lutas, desejos e ações. Um espaço não apenas a ser lido, mas também escrito coletivamente”. Em um contexto de ciberdemocracia, Estado e Leis passam a assimilar os efeitos da cibercultura. “Não queremos dizer que cada nova denominação de uma mídia ou um conjunto de mídias determine automaticamente o regime político correspondente, mas que certas mudanças políticas só se tornam possíveis — e mesmo pensadas — por meio das mídias apropriadas” (LEMOS e LÉVY, 2010, p. 60).

Na visão dos autores, a cibercultura seria capaz de operar uma mudança significativa nos processos de cidadania ao redor do mundo, em particular a partir de experiências com modelos de organização política flexíveis e descentralizados. A possibilidade de conversação online entre sujeitos, sem restrições geográficas ou territoriais, poderia favorecer a emergência de demandas políticas transnacionais e ampliar os efeitos da democracia ocidental para todo o planeta. Uma “ciberdemocracia planetária” (LÉVY, 2004) baseada na ideia de que o ciberespaço favorece um modelo de transparência até então difícil de ser efetivado.

O governo mundial resulta desejável e justificável por conta da crescente interdependência das populações humanas em nosso planeta e de uma urgente necessidade de paz. A lei e a justiça não podem permanecer fragmentadas e divididas quando cada dia mais vai se demonstrando a fundamental unidade da economia, da técnica, da ciência e da biosfera (LÉVY, 2004, p. 10).

Na perspectiva deste governo mundial, os processos de tomada de decisão são imaginados a partir de dinâmicas de participação direta de grandes volumes de cidadãos. A partir das potencialidades do hipertexto, a produção e evolução das leis poderia se beneficiar da noção de inteligência coletiva a partir de fóruns virtuais “[...] como se se tratasse de um cérebro gigante no qual, por toda parte, vão se iluminando diferentes conjuntos de neurônios, decidindo-se por voto eletrônico qualquer questão relativa ao direito” (LÉVY, 2004, p. 10).

Almejando uma lei e governo planetários, os autores circundam suas ideias no que chamam de globalização da visibilidade, uma vez que a opinião pública torna-se cada vez mais global, através da potência do ciberespaço e novos instrumentos tecnológicos. A referida visibilidade traz consigo a possibilidade de monitoramento, vigilância e controle da opinião pública mundial, com a finalidade política, policial ou de mercado. Diante disso, emerge um possível desafio à ciberdemocracia frente a globalização, qual seja, a garantia da transparência sem lesar direitos, tais como a liberdade individual e à vida privada (CAVALHEIRO e HOFFMAM, 2012, p. 194).

Em suma, Pierre Lévy possui um otimismo em relação às potencialidades libertadoras proporcionada pela Internet e, especificamente, a partir da construção coletiva e politicamente orientada da cibercultura e da ciberdemocracia. Além disso, a sua postura “apologista” enaltece a liberdade de expressão subjacente à capacidade de difusão da Internet. Como ele mesmo disse em uma entrevista publicada no ano 2000b² na Folha de São Paulo — logo em sua passagem por Porto Alegre/PUC-RS —, diferentemente de uma comunicação vertical, de uma comunicação equivalente a que foi usada pelo nazismo e pelo fascismo logo, controlada por um partido e por um Estado totalitário, na “Internet é exatamente o contrário. Todo mundo pode falar com todo mundo, e a comunicação é completamente horizontal. A conversa livre previne totalitarismos” (LÉVY, 2000b).

Paul Virilio, seu pessimismo e a Internet

² LÉVY, Pierre. Pierre Lévy prega otimismo sobre novas tecnologias. [Entrevista concedida à Folha de São Paulo] Daniela Dariano. Folha de São Paulo, *Folha Online*, Porto Alegre/PUC-RS, 31 mai. 2000b. Disponível em: Folha Online - Ilustrada - Pierre Lévy prega otimismo sobre novas tecnologias 31/05/2000 09h50 (uol.com.br). Acesso em: 20 de dez. de 2020.

O arquiteto e urbanista parisiense Paul Virilio (1932-2018) foi um crítico dos efeitos negativos que a relação entre o capitalismo, a ciência, a política e o desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) produziu na sociedade do século XX e produzirá na sociedade do século XXI. Mais do que isso, o autor foi um crítico-alarmista do império cibertecnológico — sobretudo a Internet como se verá adiante — e sua capacidade de controle social, eliminação da liberdade humana e modificação das nossas percepções espaciais e temporais, dado o seu caráter de instantaneidade e difusão.

Seu estilo de pensamento é eclético, pois une uma diversidade de perspectivas e temáticas que vão desde a arquitetura, artes, cinema e transportes, passam pela política e economia até chegar em discussões demasiadamente abstratas, tais como a filosofia, a sociologia e a tecnologia. Apesar de todo esse ecletismo, Virilio toma toda essa miríade como base para a compreensão/discussão dos fenômenos da velocidade e da aceleração social, bem como das mudanças que essas causaram — graças ao desenvolvimento científico e tecnológico³ — nas cidades contemporâneas, nas relações sociais e nas relações das pessoas com a realidade social que as circunda.

A análise política⁴ está profundamente ligada, em particular, à questão do poder e da velocidade em seus textos ao ponto de em conjunto estabelecerem a dromologia⁵: a disciplina que estuda a velocidade como meio (de poder/violência) político(a). Segundo o autor:

Comumente se diz que o poder está vinculado à riqueza. Em minha opinião, está, acima de tudo, vinculado à velocidade; a riqueza vem depois. Claro que é verdade que o poder precisa de meios, que

³ Para uma crítica desse “determinismo tecnológico”, ver Rosa (2019).

⁴ Notadamente Virilio (1996a).

⁵ *Dromos*, do grego, significa “corrida” e por isso, como pensador atento ao presente [...] ser urbanista implica compreender que a cidade é traçar, povoar, construir, pôr em movimento. Ao lado da economia política da riqueza, da economia, do capitalismo, há a economia política da velocidade [...]. Meu trabalho é de urbanista contemporâneo, da época da aceleração e da invenção da velocidade da ruptura da barreira do som, da barreira do calor — velocidade de liberação, 20 mil k/h para colocar satélite em órbita — e, por fim, a ruptura da barreira orbital — 40 mil k/h para sair da órbita planetária. O mundo moderno vive a revolução da aceleração. Não posso estar alheio a isso” (VIRILIO, 2001, p. 15).

adquire esses meios através do entesouramento, da exploração ou de ambos, mas as pessoas esquecem a dimensão dromológica do poder. [...] Aquele que tem a velocidade tem o poder. E tem o poder porque é capaz de adquirir os meios, o dinheiro (VIRILIO, 1984, p. 49-50).

De início, tal disciplina dromológica permitiu a Virilio (1996b, 2000) perceber a mudança no padrão societal, uma vez que antes as cidades e seus transportes permitiam, notadamente no século XVIII, a relação entre território, experiência e conhecimento humano. Elas permitiam, dado a baixa velocidade dos transportes, a valorização do percurso tomado e a evolução da aprendizagem do indivíduo — atento aos locais e as paisagens em que se deslocava.

No entanto, com o advento do desenvolvimento científico e tecnológico, a partir da expansão da Revolução Industrial (1760-1820/1840), os transportes e as novas cidades industriais, ainda segundo Virilio (1996b, 2000), começaram a ser desenvolvidos para superarem os obstáculos espaciais e temporais, ou seja, foram projetados para encurtar a distância entre a partida e a chegada. Os transportes foram projetados para serem cada vez mais rápidos e encurtar o tempo e dissolver o papel do espaço enquanto dimensão de orientação. Na leitura de Fernando Paulo Rosa Dias (2005) a questão é sintetizada da seguinte maneira:

As cidades industriais (metrópoles) tornavam-se, nesse sentido, pontos maior [sic] de convergência, anulando os territórios entre si. O caminho de ferro ou, depois, a auto-estrada, foram exemplos de um progresso assente na velocidade que anulou o percurso. Quanto mais se acelerava, menos o território mediador fornecia relatos para contar. Como sua derivação temos o *viajante compulsivo*, uma das tipologias do turismo contemporâneo que viaja muito depressa por muitos sítios, sem tempo de pausa e sem estabilidade nos sítios. A viagem como corrida torna-se perda de experiência levando à perda do tempo que se julga conquistar. *A corrida mata a mnemônica da experiência e o próprio sentido da experiência da viagem e do viajante* (DIAS, 2005, p. 234-235, grifos no original).

Posteriormente, Virilio começa a ir afundo na questão do desenvolvimento científico e tecnológico ao salientar, de um modo perspicaz, que ambas já carregam em si seus limites, isto é, a potencialidade de causar acidentes. Isso é muito bem exemplificado quando o autor toma como

exemplo a Internet⁶ na obra “A bomba informática” (1999). Nessa obra, Virilio começa afirmando que as ciências contemporâneas (Tecnociências) estão buscando evoluir não mais como a ciência de outrora, isto é, em detrimento de alguma descoberta útil à humanidade, mas por uma única perspectiva de desempenhos-limites. Nesse sentido, ela toma como base de fundamentação procedimentos instrumentais e digitais visando somente a eficácia imediata — muitas vezes ignorando toda a realidade objetiva e desviando-se de sua paciente pesquisa dessa realidade para participar de um fenômeno de virtualização generalizada, como bem enfatizou o autor. Por isso, segundo Virilio (1999, p. 11), ela pode ser tomada como sinônimo de Ciência do Extremo:

[...] aquela que assume o risco incalculável do desaparecimento de toda a ciência. Fenômeno trágico de um conhecimento que de repente se tornou Cibernética, essa tecnociência se torna então, enquanto tecnocultura de massa, agente não mais da aceleração da História, como outrora, mas de vertigem da *aceleração da realidade*, e isso em detrimento de toda verossimilhança”.

O desenvolvimento tecnológico, oriundo dessas ciências contemporâneas, promoveu não somente o encurtamento de distâncias temporais e espaciais — dado a sua rapidez —, mas também a Internet, que levou às últimas consequências os desenvolvimentos tecnológicos anteriores. Através da Internet, bem como da realidade virtual que a compõe, agora “[...] se apodera do essencial da atividade econômica das nações e, ao contrário, desintegra culturas situadas de forma precisa no espaço físico do globo” (VIRILIO, 1999, p. 17). Ademais, com a Internet — e com a orientação política que a Cibernética ofereceu àquela a partir da década de 1950⁷ — houve a emergência do fenômeno chamado por Virilio de “Mundialização⁸”,

⁶ Antes dessas obras serem escritas como críticas à Internet, Virilio já tinha publicado um artigo no *Jornal Le Monde diplomatique* em agosto de 1995 sob o título “*Alerte dans le cyberspace!*”.

⁷ Ver também Lafontaine (2007)

⁸ Essa ideia de “Mundialização” está intimamente ligada com a concepção de “Globalização” de Paul Virilio. A globalização para Virilio não está ligada à concepção comum de processos econômicos nem à emergência do mercado liberal após a derrocada do regime comunista. Segundo Mark Featherstone (2013), “o relato de Virilio sobre a globalização, em contraste, enfatiza o compromisso crescente com a aceleração por meio do uso de mídia de massa de alta velocidade e tecnologias de informação e comunicação relacionadas que permitem a união do mundo. Para Virilio, a globalização não pode ser separada do aparecimento da ciência, da tecnologia e de uma visão de mundo particular obcecada por exploração, descoberta, invenção e novidade. A globalização depende, portanto, de uma atitude

definido com as seguintes características: (1) a desterritorialização do indivíduo que agora se torna um “ser-global” sem local; (2) o “não-lugar” das nações que perdem as suas características específicas e adquirem características universais; (3) a compressão temporal tanto dos transportes quanto as transmissões; (4) o processo, em curso, de generalização da televigilância (VIRILIO, 1996a, p. 1999).

A desintegração de culturas e nações, aliás, se dá pela divulgação global de informações — às vezes falsas ou às vezes em excesso —, necessária à era do grande mercado competitivo mundial. Assim, salienta Virilio (1999, p. 64), “de fato, não se poderá compreender nada da revolução da informação sem perceber que ela alimenta, também, de maneira puramente cibernética, a revolução da delação generalizada”. Não é à toa que Virilio compara essa delação generalizada aquilo ao que Joseph Paul Goebbels — Ministro da Propaganda Nazista — disse uma vez: aquele que sabe tudo não tem medo de nada. Com a Internet, então, damos entrada a um novo tipo de controle panóptico, pois aquele que ver tudo (ou quase tudo), não terá mais nada a temer de seus concorrentes.

O grande paradoxo desse fenômeno descrito desemboca numa perda de liberdade comportamental, numa perda de toda a crítica da técnica e, pouco a pouco, deslizamos numa pura tecnocultura que ignora os riscos e abre a porta para o dogmatismo da tecnocultura totalitária. A magnitude dessa tecnocultura instaurada pela Internet é comparável à capacidade destrutiva de uma bomba, mais especificamente:

Depois da primeira bomba, a *bomba atômica* capaz de desintegrar a matéria pela energia da radioatividade, surge neste fim do milênio o espectro da segunda bomba, a *bomba informática*, capaz de desintegrar a paz das nações pela interatividade da informação. ‘Na *internet*, a tentação terrorista é permanente, porque é fácil causar danos com toda impunidade’, declarou um ex-pirata que se tornou administrador de empresas, ‘esse perigo cresce com a chegada de novas categorias de internautas. Os piores não são, como se pensa, os militantes, mas os pequenos *buisenessmen* sem fé nem lei, prontos a qualquer baixeza para arruinar um concorrente incômodo’ (VIRILIO, 1999, p. 65, grifos no original).

específica que abraça e facilita a aceleração humana por meio da invenção de mídia, informação e tecnologia aceleradas” (FEATHERSTONE, 2013, p. 93).

Todavia, ao fim e ao cabo, é mister salientar que Virilio não é totalmente contra a técnica ou a Internet. Na realidade, Virilio (2001) se posiciona contra a ilusão de que ela é libertária, pois na sua visão ela, a Internet, é uma terra sem lei, uma, sem lugar e território (inclusive as comunidades virtuais). Ela é oposta à democracia justamente por ceder lugar a tirania⁹. Assim, Virilio (1997, 2001) não mediu esforços em ressaltar que a Internet se resume na política do pior, isto é, ela é prenhe de riscos e acidentes que podem atingir todos e tudo ao mesmo tempo, em virtude de ter como objetivo atingir a interatividade máxima. Além disso, essa instantaneidade da Internet provoca o fenômeno chamado por Virilio (1993) de “Inércia Polar”: o “aqui” e o “lá” são substituídos pelo “agora”, fazendo com que o homem esteja desapropriado do tempo, do espaço, do seu corpo e das relações sociais. Especificamente, a inércia diz respeito a “[...] esse veículo audiovisual, veículo estático, substituto das nossas deslocções físicas [espaciais] e prolongamento da inércia domiciliária que acarretaria enfim o trinfo da sedentariedade, de uma sedentariedade agora definitiva” (VIRILIO, 1993, p. 35, grifos no original).

Considerações finais

O contraste entre os dois autores acerca da Internet é evidente. Todavia, é necessário explorar ainda mais esse contraste. A partir da leitura dos textos cotejados emergiram alguns pontos que consideramos essenciais.

Em primeiro lugar, cabe destacar o mérito de Pierre Lévy em descrever e caracterizar as tecnologias emergentes, relacionando-as especialmente com a cultura. A maioria dos conceitos que ele desenvolveu continuam sendo utilizados para caracterizar a Internet, embora ele tenha pouco problematizado a mesma — talvez pelo seu otimismo. O autor parece dar ênfase às potencialidades positivas da Internet, subvalorizando eventuais aspectos negativos que também poderiam emergir dos processos de socialização na Rede. Sua problematização parte dos usos individuais e

⁹ “[...] a anarquia junto com as multinacionais; estas necessitam de anarquia. Elas, tão potentes, precisam de que inexista ordem” (VIRILIO, 2001, p. 12).

coletivos das estruturas colaborativas das redes e de suas repercussões na cibercultura, mas ignora de forma sistemática os potenciais processos de agenciamento de outras estruturas sociais, entre elas, em particular, a economia. Em nossa leitura, a perspectiva em nível microsocial de Pierre Lévy tende a destacar as oportunidades de transformação social e desenvolvimento cultural, justamente por ser um “universal sem totalidade” onde todos podem contribuir com “algo”.

De fato, a Internet possui essa capacidade, mas como Paul Virilio salientou no texto apresentado anteriormente, não se pode ser ingênuo ao ponto de acreditar que ela é libertária. Deve-se ter uma postura mais cética (do grego, sképtico = examinar de perto). É preciso levar em conta não somente o nível micro, mas também o nível macro e, conseqüentemente, articulá-las na análise. É preciso, ainda, levar em consideração a capacidade (destrutiva) de certas instituições — econômicas e políticas — em controlar a Internet. Podemos tomar um exemplo muito caro a Virilio: o sistema financeiro. Segundo Virilio (2001), o sistema financeiro funciona com a cotação automática de valores e, por ser um fenômeno de informação e velocidade, é capaz de uma quebra instantânea em todos os lugares. Nesse prisma, a Internet não é uma utopia, pois não possui um lugar, um locus, nem as suas comunidades virtuais possuem. No fundo, e aqui concordamos com Virilio, ela é uma atopia, um lugar sem território e sem lei. Não há algo que possa controlá-la e é justamente aí que mora o perigo ou, para citar Virilio, o seu risco.

Em segundo lugar, ainda que Pierre Lévy discuta a virtualização do corpo, e que ele sugira as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) como tecnologias da inteligência, o autor não vai a fundo acerca dos “efeitos” desse mundo virtual no corpo e na cognição humana. Mesmo que compreendendo o ponto de vista do autor, faz-se necessário, pelo menos em nossa perspectiva, refletir um pouco mais sobre tal mundo virtual, como fez Paul Virilio. Esse último, embora com certo ar pessimista, aponta que a experiência de virtualização oferecida pela Internet modifica nossos corpos,

cognição e percepções espaciais e temporais, dado o seu caráter de instantaneidade e difusão.

Concordamos com as considerações de Virilio, pois é inegável que o mundo virtual modificou as nossas relações com o mundo, sobretudo as espaciais e temporais. Temos a possibilidade de realizar compras pela Internet sem sair (ou se deslocar) de casa, temos a possibilidade de conversar com os nossos amigos sem encontrá-los “face-a-face”. Mas isso, como observamos com o autor, desemboca numa sensação de Inércia Polar que vale a pena citar novamente: especificamente, a inércia diz respeito a “[...] esse veículo audiovisual, veículo estático, substituto das nossas deslocamentos físicos [espaciais] e prolongamento da inércia domiciliária que acarretaria enfim o triunfo da sedentariedade, de uma sedentariedade agora definitiva” (VIRILIO, 1993, p. 35, grifos no original). O mesmo raciocínio sobre a virtualização se aplica às Tecnociências, tão criticadas por Virilio. Há, como mostrou o autor, uma tendência em pouco observar acuradamente — como outrora fazia a ciência — para o aqui e o agora, para a *physis* no sentido Aristotélico. A virtualização e sua “não-problematização” se tornaram o combustível da ciência do extremo, preocupada somente com a eficácia — no sentido pragmático — e com a velocidade dela.

Por fim, cabe destacar que apesar do presente ensaio ter como objetivo um exercício de contraste e comparação entre os autores, eles seriam de suma importância em algum estudo sobre a Internet. Mais do que isso, eles teriam grande valor complementar num estudo mais aprofundado sobre a Internet, pois ambos destacam dois lados, duas dimensões que devem estar em constante relação, isto é, as potencialidades positivas e negativas que a Internet contém, como bem lembramos na composição do presente texto.

Referências:

BEUTLER, Dário Lissandro; TEIXEIRA, Adriano Canabarro. As complexidades da cibercultura em Pierre Lévy e seus desdobramentos sobre

a educação. **Anais do XXI Workshop de Informática na Escola (WIE 2015)**, 2015.

CAVALHEIRO, Larissa Nunes; HOFFMAM, Fernando. O futuro da Internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária. **Revista Direitos Emergentes na Sociedade Global**, v. 1, n. 1, 2012.

DIAS, Fernando Paulo Rosa. A “dromologia” de Paul Virilio e a arquitectura contemporânea: reflexões sobre a crise da "Polis" e da "Domus". **Arte e Teoria – Revista do Mestrado em Teorias da Arte da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa**, n. 7, 2005.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

FEATHERSTONE, Mark. Globalization. In: ARMITAGE, John. **The Virilio Dictionary**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2013.

LAFOINTAINE, Celine. **O império cibernético**: das máquinas de pensar ao pensamento máquina. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O Futuro da Internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996;

_____. **Tecnologias da Inteligência**. São Paulo: Editora 34, 1998;

_____. **La cibercultura y la educación**: pedagogia y saberes, n. 14, 2000a;

_____. Pierre Lévy prega otimismo sobre novas tecnologias. [Entrevista concedida à Folha de São Paulo] Daniela Dariano. Folha de São Paulo, *Folha Online*, Porto Alegre/PUC-RS, 31 mai. 2000b. Disponível em: [Folha Online - Ilustrada - Pierre Lévy prega otimismo sobre novas tecnologias 31/05/2000 09h50 \(uol.com.br\)](http://Folha Online - Ilustrada - Pierre Lévy prega otimismo sobre novas tecnologias 31/05/2000 09h50 (uol.com.br)). Acesso em 20/12/2020;

_____. **Ciberdemocracia**: ensayo sobre filosofia política. Barcelona: Editorial UOC, 2004;

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010;

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teorias das Mídias Digitais**: linguagens, ambientes e redes. Petrópolis: Vozes, 2014;

RATTO, Cleber Gibbon; GRESPAN, Carla Lisbôa; HADLER, Oriana Holsbach. “Ocupa 1º de Maio”: ciberdemocracia, cuidado de si e sociabilidade na escola”. **Educação Temática Digital**, v. 19, n. 1, 2017.

ROSA, Hartmut. **Aceleração**: a transformação das estruturas temporais na Modernidade. São Paulo: UNESP, 2019;

VIEGA-NETO, Alfredo. De Internet, Cibercultura e Inteligências... **Revista Episteme**, n. 9, 1999.

VIRILIO, Paul. **Guerra pura**: a militarização do cotidiano. São Paulo: Brasiliense, 1984;

_____. **A inércia polar**. Lisboa: Dom Quixote, 1993;

_____. **Velocidade e política**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996a;

_____. **A arte do motor**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996b;

_____. **El Cibermundo**: la política de lo peor. Madrid: Ediciones Càtedra, 1997;

_____. **A bomba informática**. São Paulo: Estação Liberdade, 1999;

_____. **Velocidade de Libertação**. Lisboa: Relógio d'Água, 2000;

_____. "Paul Virilio: da política do pior ao melhor das utopias e à globalização do terror". **Revista FAMECOS**, v. 8, n. 16, 2001.